

AVALIAÇÃO: MOMENTO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM

ASSESSMENT: MOMENT OF RESIGNIFICATION OF LEARNING

Nara Niceia C.B. G. Silveira ¹
Mara Michele Coelho ²

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo a compreensão do funcionamento da avaliação da aprendizagem em uma escola municipal de Ensino Fundamental II, na cidade de Palmas-Tocantins. Discute-se neste estudo a combinação de fatores históricos, pedagógicos, políticos e/ou socioculturais que podem colaborar para a determinação de certos resultados nos processos avaliativos na educação básica. Para tanto, o corpus se constitui por pesquisa de campo efetuada com alunos e professores, além de reflexões e contribuições acerca de alguns teóricos da área. Entre eles: Luchesi (2011); Moretto (2002); Silva (2010). Dessa forma, evidenciou-se como a avaliação da aprendizagem pode ser um momento de resignificação e uma ferramenta que direciona positivamente ou negativamente a qualidade educacional.

Palavras-chave: Avaliação da Aprendizagem. Educação Básica. Qualidade Educacional.

Abstract: This research aims to understand the functioning of learning assessment in a municipal elementary school II, in the city of Palmas, capital of Tocantins. This study discusses the combination of some factors, whether historical, pedagogical, political and/or sociocultural, which together can collaborate to determine some results in the evaluation processes in basic education. Therefore, the corpus is constituted by field research carried out with students and professors, as well as reflections and contributions about some theorists in the area, such as: Luchesi (2011); Moretto (2002); Silva (2010), among others. In this way, it became clear how learning assessment can be a moment of redefinition or a tool that positively or negatively directs educational quality.

Keywords: Learning Assessment. Basic Education. Educational Quality.

-
- ¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras pela Universidade Federal do Tocantins. Pós-graduação em Docência em Ensino Superior pela Faculdade (ITOP). Graduada em Letras pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Tocantins. Graduada em Administração pela Faculdade Triângulo Mineira Ituiutaba/MG. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0771486593241289>. ORCID: <https://orcid/0000-0003-3517-0942>. Email: nniceia@gmail.com
 - ² Mestranda do Programa de Pós-graduação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU/MG). Serviço Social pela Universidade Norte do Paraná. Especialização em Gestão Social Políticas Públicas Redes e Defesa de Direitos. Formação Pedagógica em Sociologia. Regente de aula de sociologia no ensino médio. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3669722353328270>. E-mail: maramichele@hotmail.com

Introdução

A presente pesquisa é um estudo bibliográfico que trata da avaliação da aprendizagem, uma vez que se integra ao estudo de campo que discorre sobre seu funcionamento em âmbito escolar. Para averiguar essa realidade, realizamos esse trabalho com o objetivo de analisar a atual prática da avaliação por parte de professores do Ensino Fundamental II. Além de verificar qual a perspectiva de avaliação presente entre os professores e alunos.

Diante dessa proposta, as motivações para a escolha da temática se deram pela necessidade de aprofundamento em relação ao assunto abordado. Outrossim, é que essa escolha também se justifica pela relevância do entendimento da avaliação da aprendizagem enquanto ferramenta significativa no processo educativo e como “momento privilegiado de estudos”, destacado por Moretto (2002).

Outra motivação foi à inquietação de explicar a ideia equivocada da avaliação como mero classificador indicial, reforçador de ameaças ou fonte para a aprovação serial. E por ser de relevância geral, a temática necessita de estudo e revisão constante em favor de melhorias no ensino e aprendizagem.

A busca por tais melhorias, nos predispõe a concordar que a avaliação deve ser uma fonte geradora de informações diagnósticas gerais sobre a aprendizagem nas salas de aula. Ou seja, deve indicar como será direcionado o processo de ensino e aprendizagem englobando o todo, e não simplesmente ter como alvo o aluno, seu desempenho cognitivo e acúmulo de conteúdo, para classificá-lo na abrangência minimalista de índices ou notas com o intuito de recebimento do passe de aprovado ou reprovado ao término de cada período letivo. Isto é, a avaliação não deve servir apenas para observar o aluno, mas todos os envolvidos no processo (MORETTO, 2002). Para tanto, seguem no próximo item apontamentos teóricos e históricos acerca da avaliação.

Apontamentos teóricos e históricos sobre avaliação

Segundo Luckesi (2011), tradicionalmente, a escola pratica a pedagogia do exame baseada no método classificatório e excludente da seletividade, herdada da Educação Jesuítica, voltada para elementos como: nota, classificação, aprovação, reprovação, em que o aluno é adestrado a memorizar para, tão somente transcrever e não interpretar. Em conformidade ao contexto histórico, isso ocorre em meados do século XVI e perdura até os dias atuais, na educação ocidental. O ensino tradicional perpassa dessa forma, por gerações. Por sua vez, a avaliação da aprendizagem somente foi difundida em 1930, por Ralph Tyler, com o intuito de evidenciar o cuidado dos professores com a aprendizagem de seus alunos. No Brasil, essa preocupação surgiu no final da década de 1960, no século XX, mas somente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, foi incluída essa expressão. No entanto, a prática ainda se distancia muito do que a teoria preconiza. Seja em escolas públicas ou particulares, apesar dos avanços, ainda “praticamos muito mais exames escolares do que avaliação da aprendizagem” (LUCKESI, 2011, p.29).

Luckesi (2011) evidencia três formas de avaliação: diagnóstica, somativa e formativa, sendo designada a cada uma, suas respectivas especificidades.

A função diagnóstica ocorre no início do processo de ensino aprendizagem e propicia orientação para tomada de decisão. Aponta possíveis falhas, uma vez que, verifica as dificuldades dos alunos e suas causas.

Já a avaliação somativa, aplicada de forma isolada, não é muito bem aceita, pois se prende à classificação e só ocorre no final do processo de ensino aprendizagem. Contudo, esse tipo de avaliação também pode funcionar como elemento auxiliador. Uma vez que o aluno acertou ou não, se isso for avaliado na perspectiva classificatória, a nota é atribuída e o processo é encerrado. Nesse caso, esse tipo de avaliação acaba sendo excludente, pois é utilizada para verificar a discrepância entre alunos. Porém, essa mesma avaliação pode ser um termômetro identificador do rendimento, ou seja, pode também ser utilizada como fator diagnóstico, que possibilitará um dimensionamento da situação.

Por último, tem-se a avaliação formativa, com a função de controlar a aprendizagem, no sentido de acompanhamento. O professor faz intervenções necessárias durante o processo, com

intuito de direcionar caminhos e alcançar resultados positivos. Pode-se dizer que ela é flexível. Vista desse modo, é formativa na medida em que cabe à avaliação subsidiar o trabalho pedagógico, redirecionando o processo de ensino e aprendizagem para sanar dificuldades, aperfeiçoando-o constantemente.

Nesse sentido, os diferentes tipos de avaliações se complementam e são necessários para saber quais as políticas e práticas pedagógicas as escolas devem adotar. Portanto, Luckesi (2011) defende a ideia da avaliação diagnóstica, contínua e dinâmica. Assim, ela poderá ser um importante instrumento para repensar e reformular métodos, procedimentos e estratégias de ensino, de modo que o aluno tenha um aprendizado sólido e significativo, e não se torne apenas um depósito de conteúdos que não fazem sentido algum.

Nessa perspectiva, Luckesi (2011) ainda pontua que a função da avaliação é garantir o sucesso, pois esta exerce papel de parceira em busca disso. Sinaliza também, que ela apenas produz um indicativo de resultados, a avaliação por si só não resolve nada. Quem poderá resolver será a gestão, que através do diagnóstico adequado, seja ele positivo ou negativo, terá subsídios necessários para tomar decisões. Com esse enfoque, o ato de avaliar pode ser considerado um ato de desvendar, de investigar como funciona a qualidade da realidade.

Avaliar faz parte da nossa vida, avaliamos e somos avaliados o tempo todo. E com o intuito de medir, alcançar o sucesso ou definir estratégias para conseguir a melhor performance, a avaliação também é elemento constantemente presente no âmbito escolar. Não só os alunos são avaliados, mas todos os membros que integram o sistema educativo. Assim, cabe ao processo de avaliação toda a prática educativa e todo o recorte teórico e contextual. Destaca-se que o aluno não pode ser culpabilizado sozinho do fracasso escolar, pois o sistema também pode fracassar. Visto que, o alcance dos objetivos é coletivo e dependerá de todos os envolvidos no processo. O processo avaliativo é uma categoria constitutiva do trabalho pedagógico, indutora das ações dos atores escolares, que visam seu *modus operandi*, dentro e fora do contexto escolar (SORDI; LUDKE, 2009, p. 314).

Daí o caráter da avaliação como instrumento transformador e abrangente para orientar a qualidade do ensino e do fazer pedagógico. Como bem pontua Moretto (2002), não precisa ser instrumento de tortura, relacionada a notas ou conceitos. As situações de ensino e aprendizagem devem auxiliar na elevação do conhecimento e não ao fracasso escolar. O sucesso ou insucesso, estimular ou desestimular, incluir ou mesmo excluir, vão depender de uma série de fatores. Avaliar é agir, não somente julgar, faz parte do processo de construção do conhecimento. Por isso, prova é momento de aprendizagem e ressignificação, como bem pontua Moretto (2002), é “momento privilegiado de estudo”. Isto posto, pode-se considerar que o objetivo da avaliação é proporcionar aprendizado e diagnosticar para a viabilização de medidas, ou seja, possibilitar condições para que o aluno consiga caminhar sozinho.

Por conseguinte, o olhar atento do professor pode fazer toda a diferença durante o processo. O erro não significa que o aluno não sabe nada, ou não aprendeu todo o conteúdo de maneira significativa. Isso quer dizer que é passível a intervenção. Quando o professor se depara com as motivações do problema deve ter condições de solucioná-las da melhor maneira. O erro pode ocorrer por uma série de fatores, mas se está relacionado à falhas na elaboração da avaliação ou a metodologias inapropriadas, medidas devem ser tomadas com urgência para que possam ser sanadas. Por isso, “deixar de tratar o erro como negação da aprendizagem e passar a tratá-lo como um dos estágios da aprendizagem é a mudança de ótica que os paradigmas emergentes da educação exigem” (SILVA, 2010, p.71).

Na perspectiva formulada por Moretto (2002), perguntas bem elaboradas e contextualizadas com o que foi ensinado em aula e com o conhecimento de mundo do aluno, direcionará a qualidade das interpretações e respostas. Isso se justifica, porque, segundo o autor, o simples errar ou de acertar questões não resume o conhecimento adquirido. Estes talvez possam ser apenas indicadores de caminhos que devemos seguir, para entender o processo de aprendizagem e desenvolvimento do educando. Cabe ao professor ter, não somente a sensibilidade, mas também, a formação adequada para visualizar tal ocorrência.

Além disso, o professor deve se auto avaliar, a fim de rever suas práticas, perceber se elas estão condizentes com o que se almeja alcançar. Como sustenta Moretto (2002), é preciso

definir seus objetivos de forma segura e concisa, de modo que organize estratégias alinhadas ao que deseja. O que podemos vislumbrar é que a avaliação ainda está correlacionada a aferição de notas por meio de provas, isso de certa forma ocasiona prejuízo de ordens diversas, além de atraso educacional, pois o momento atual exige cada vez mais uma nova ótica de aprendizagem. A “subjetividade flexibilizada”, segundo Kuenzer (2016), se torna mais necessária, principalmente pelo advento das novas tecnologias, que requer sujeitos críticos e reflexivos acerca da realidade que o cerca, capazes de tomar decisões adequadas quando necessário, não sendo apenas meros repetidores acríticos. Para entendermos um pouco mais sobre essas questões, adentraremos no próximo tópico com a importância e papel da avaliação para a ressignificação da aprendizagem.

Ressignificação da avaliação da aprendizagem

Na atualidade, a avaliação da aprendizagem começa a ganhar um novo status, pois o padrão de aceitabilidade e exigência mercadológica vem mudando de maneira muito rápida. Isso está atrelado diretamente às novas tecnologias, que demandam pessoas capazes de tomar decisões e resolver problemas com níveis de dificuldade cada vez mais complexos. Então, é um grande desafio para a educação e seus agentes repensar e ressignificar suas práticas político-pedagógicas.

Cabe salientar que esse novo padrão, em busca da superação da prática de homogeneidade, que é inexistente, visão esta preconizada pela própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC), se integra ao estudo da ressignificação dessa ferramenta tão importante, centrada na aprendizagem heterogênea e significativa. Isto posto, o novo parâmetro, que busca o desenvolvimento de habilidades e competências, torna o modelo classificatório por notas limitado e incoerente. Destarte, esse novo enfoque do contexto construtivista e sociointeracionista, que integra alunos e professores numa relação dialética e dialógica, viabiliza a elevação das capacidades do aluno de forma global. E como evidencia Moretto (2002, p.19) em concordância com o sociólogo Philippe Perrenoud, “é necessário saber fazer e também mobilizar recursos para resolver situações complexas do cotidiano”.

Consoante ao que postula Moretto (2002), se o aluno coloca suas energias neste instrumento, porque não aproveitar como constructo de conhecimento, transformação e oportunidade para o desenvolvimento dessas habilidades e competências, tão importantes e necessárias que levará para a vida toda. Então, a avaliação deve ser pensada como processo de desenvolvimento. Partindo desse princípio, é primordial que o professor oportunize momentos de inclusão dos alunos no processo. Desse modo, o ajude a construir sua própria visão de mundo e identidade. Assim, “compete ao professor organizar de forma eficiente e eficaz, o processo da avaliação da aprendizagem” (MORETTO, 2002). Por sua vez, Silva (2010) esclarece que:

O sentido da avaliação é compreender o que se passa na interação entre o ensino e a aprendizagem para uma intervenção consciente e melhorada do professor, refazendo seu planejamento e seu ensino e para que o aprendente tome consciência também de sua trajetória de aprendizagem e possa criar suas próprias estratégias de aprendizagem (SILVA, 2010, p.60).

Diante disso, vislumbra-se que a mudança é necessária, apesar de ainda permanecer no âmbito de ação pedagógica, como se fosse um campo de resistência, principalmente por parte de alguns professores. Luchesi (2011, p.204), destaca que “essa prática é difícil de ser mudada devido ao fato de que a avaliação por si, é um ato amoroso e a sociedade na qual está sendo praticada não é amorosa e, daí, vence a sociedade e não a avaliação.” Visto dessa forma, é importante ressaltar que a avaliação, que se molda na atualidade, se integra à ressignificação, posto que, também pode ser instrumento de democratização que se materializa na virtualidade do processo de relação intersubjetiva de construção de conhecimento.

De acordo com Luckesi (2011), democratização e equalização social é quando o professor

consegue fazer com que todos alcancem o conhecimento necessário, de acordo com o que foi planejado. Afim de apresentar alguns pontos, quanto a visão do aluno e do professor em relação à avaliação, segue no tópico seguinte os aspectos metodológicos desse estudo

Aspectos metodológicos

Este estudo está direcionado às ações didático-pedagógicas que integram a avaliação da aprendizagem. Estruturado para apresentar a visão de alunos e professores em relação a esse processo educacional. Assim, esta pesquisa adota o paradigma qualitativo na sua tessitura. Propõe-se a discussão sobre avaliação escolar teórico-analiticamente alicerçada a um estudo de campo, fundamentado com base em levantamento bibliográfico, uma vez que foram utilizados livros, material disponível na internet, artigos, entre outros; com objetivo de identificar como é o funcionamento da avaliação em âmbito escolar. A análise dos dados foi feita à luz de teóricos que partilham as mesmas bases conceituais: Luchesi (2011); Moretto (2002); Silva (2010); Libâneo (2013), entre outros.

Para estruturação do *corpus* foi aplicado questionário a 19 (dezenove) participantes, para aferição da perspectiva deles com relação ao assunto abordado. O questionário foi composto de nove perguntas subjetivas e abertas. Esse instrumento foi aplicado a 15 (quinze) alunos e 4 (quatro) professores. No tocante aos participantes, pertencem a turmas variadas do Ensino Fundamental II, do período vespertino, de uma escola pública de Palmas, capital do estado de Tocantins.

Com relação à organização escolar selecionada para a pesquisa, a mesma atende alunos do 5º ao 9º ano da Educação Básica; além da EJA (Educação de Jovens e Adultos) no período noturno. A escola possui 8 (oito) salas disponíveis para ensino, uma biblioteca conjugada com laboratório de informática, dependências administrativas, refeitório coberto, quadra poliesportiva coberta, sala de vídeo. A unidade educacional fica localizada em uma região periférica de Palmas. Com base no Projeto Político Pedagógico da escola, aprovado no ano de 2019, seu público é composto por alunos de baixa renda, pertencente a famílias de trabalhadores assalariados, de zona rural, inseridos no mercado informal e/ou no temporário. Por essa razão, os educadores desse colégio visam fomentar nos estudantes a construção de um comportamento socioeducativo para modificação de suas realidades.

Nesse sentido, é importante frisar que a pesquisa em questão não é mera repetição do que já foi dito ou escrito, mas favorece o exame da temática sob novo enfoque, propiciando considerações pertinentes a essa abordagem tão relevante. Dessa forma, instrumentos de pesquisa bem elaborados proporcionam análises para a sistematização de ideias, compreensão e descrição, pautados em sua avaliação coerente, primordiais para alcance dos resultados esperados.

Análise

A estruturação da pesquisa foi estabelecida por questões pertinentes ao assunto abordado, com o intuito de gerar dados a partir das seguintes questões, dispostas no quadro abaixo:

Quadro 1. Questionamentos feitos aos alunos e professores.

Aos alunos:	Aos professores:
1-O que você entende por avaliação?	1-O que você entende por avaliação da aprendizagem?
2-Como o professor avalia sua aprendizagem?	2-Quais métodos avaliativos você conhece e utiliza na sua didática em sala de aula?
3-Você prefere fazer uma prova ou ser avaliado de outras maneiras, como por exemplo, seminários, trabalhos escritos?	3-Você acha que os métodos avaliativos retratam corretamente a capacidade de aprender do aluno?

4- Para você o que é preciso saber para ser bem avaliado?	4- Qual método de avaliação você acha mais eficaz? Ou os métodos de avaliação variam conforme cada aluno?
5- O professor faz alguma revisão de conteúdo estudado antes da avaliação?	5- Quando vai avaliar seus alunos, que critérios você usa como parâmetro?
6- O professor utiliza o mesmo conteúdo estudado no livro didático ou faz algumas mudanças nos conteúdos da avaliação?	6- Você avalia utilizando o sistema de provas/ teste?
7- Você acha que a avaliação escolar mede de fato sua aprendizagem?	7- Nos testes/provas você utiliza questões objetivas ou subjetivas e qual o número, em média, de perguntas feitas?
8- Quando vai estudar para as avaliações, você estuda e interpreta o conteúdo ou decora o conteúdo avaliado?	8- Na hora de avaliar você aborda somente o conteúdo trabalhado pelo material didático-pedagógico ou insere assunto relativos ao conhecimento de mundo dos alunos?
9- Para você é importante apenas aprender o conteúdo para a prova ou você deve aprender para outras finalidades em sua vida?	9- Para você, o que o aluno precisa fazer para ter uma boa média escolar?

Fonte: Das autoras.

Análise do questionário aplicado aos alunos

Com o propósito de estabelecer o corpus para a presente pesquisa, nesse primeiro momento, procuramos apresentar a perspectiva dos alunos em relação ao processo avaliativo. Para tanto, seguem as análises referentes ao questionamento direcionado aos alunos.

Dos alunos questionados sobre o que entendem por avaliação, a maioria a enxerga como um teste de verificação da aprendizagem e ou conhecimento. O que deveria refletir numa prática de estudos efetivos, em que o aluno realmente esteja aprendendo. Entretanto, o que ocorre é o contrário, ou seja, esta mesma avaliação, apontada como teste de conhecimento, acaba sendo utilizada como mais uma atividade, na qual os alunos acabam estudando, na maioria das vezes, de forma superficial, procurando apenas decorar o conteúdo para obtenção de pontuação. Método este, caracterizado por Luckesi (2011), como exame, cujo objetivo é apenas a classificação, que resultará em aprovação ou reprovação.

Inferre-se pelas respostas apresentadas, que os professores precisam aproveitar esse momento para ajudar os alunos a redirecionarem seu aprendizado e não somente terem a preocupação com o alcance de notas, que servirá como uma espécie de passaporte para seguirem para o próximo ano. “Assim, o objetivo primeiro da aferição do aproveitamento escolar não será a aprovação ou reprovação do educando, mas o direcionamento da aprendizagem e seu consequente desenvolvimento” (LUCHESE, 2011, p.55).

Foi constatado que os professores avaliam de diversas formas, entre elas trabalhos, participação em atividades em sala, provas, mas destaca-se que a mais recorrente é o uso das provas. Moretto (2002), evidencia que as provas são necessárias e devem ser vistas como “um momento privilegiado”. A problemática surge quando o professor só foca nelas como um instrumento catalizador de notas, e, não as aproveita como deveria. Além disso, evidencia que o professor deve ter em mente, de forma bastante clara, os objetivos, para o alcance dos resultados pretendidos. Também é necessário deixar claro para o aluno qual seu critério de avaliação. Mas, de acordo com as respostas dos alunos, parece haver um distanciamento nesse critério. Ademais, é preciso parametrizar as atividades avaliativas para que o aluno possa ser direcionado ao objetivo pretendido. Contudo, a falta desses parâmetros pode desorientar tanto os alunos como o professor. Além disso, como afirma Luchesi (2011, p. 58), a prática da avaliação da aprendizagem só terá

sentido pleno, sob a efetividade do interesse em que o educando aprenda o que foi ensinado.

Portanto, o planejamento adequado, a revisão, a vontade de mudança por parte do professor e até mesmo dos alunos são essenciais para a solução das lacunas que podem surgir. Sem essas medidas, de maneira conjunta, o sucesso do processo avaliativo torna-se praticamente inviável.

Apesar da aprendizagem ser avaliada pela constância das provas, ficou evidente que a maioria dos alunos têm preferência por outras formas de avaliação, o que acrescenta uma certa empatia por parte dos alunos ao acréscimo de novos métodos. Mesmo com a resistência por parte de alguns professores e pela dependência, digamos assim, ao sistema de atribuição de notas e classificação vigente.

De acordo com Moretto (2002), a efetividade no instrumento de avaliação dos resultados também está na sistematicidade de análise; no mapeamento dos resultados; na utilização de linguagem compreensível; no ajustamento ao que foi ensinado; no critério para avaliar, parametrizar. Cabe salientar que diversos métodos, podem substituir a prova escrita, mas é preciso parametrizar os múltiplos instrumentos que são usados, e estabelecer o objetivo pretendido, de modo que fique claro tanto para o aluno como para o professor, e assim, dessa forma, todos sejam beneficiados.

Para serem bem avaliados, a maioria dos alunos apresentam centralidade ao conhecimento do conteúdo que será aplicado na prova de forma exata, sem muita reflexão, pois o intuito é conseguir boa nota. Uma das respostas chamou bastante atenção e corrobora tal evidência, quando o aluno diz que precisa “saber os conteúdos que irão ser passados e acertar sem ficar criando distrações”. A resposta, indubitavelmente, deixa claro o uso do sistema tradicional de atribuição de notas, em que o papel do aluno é somente decorar sem apropriar-se do conteúdo. Conteúdo este, que será esquecido de forma muito breve. Conforme Luchesi (2011, p. 213), o ato de avaliar, não se destina a um julgamento definitivo sobre algo ou alguém, pois não é um ato seletivo, a avaliação se destina ao diagnóstico, por isso é consequente a ampliação de relações entre professores e alunos e dos conhecimentos construídos de maneira conjunta.

Em consideração a revisão de conteúdo estudado antes da avaliação, a maioria das respostas confirma que os professores, geralmente têm o hábito de fazer uma revisão antes da aplicação da avaliação. Cabe salientar que quando o conteúdo é trabalhado e revisado com o intuito de estabelecer aprendizagem significativa, esse é um ponto positivo. Mas o que é perceptível nesse caso é o reforço ao sistema jesuítico de memorização, valorizando ainda mais o sistema classificatório de atribuição de notas, para aqueles que foram capazes de guardar todo o conteúdo dado em sala de aula, em mente. Segundo Luchesi (2011), a revisão de conteúdos visa somente o alcance e melhoramento da nota do educando para ser aprovado, e não para entendimento real, ou seja, para aprendizagem e aprofundamento de forma satisfatória e significativa.

Outro apontamento feito pelos alunos, foi que o professor sempre lança mão do conteúdo do livro como instrumento avaliador. Essa realidade, segue uma linha contrária ao que orienta o PPP da escola, o qual, dimensiona uma sistematização sociointeracionista baseada em Vygotsky e Piaget, com reflexo à coparticipação do aluno, com ação de projetos pedagógicos que evidencie o saber, a partir da mediação. Mas o que se percebe é o contrário, há o reforço do sistema tradicional de ensino. No qual o professor detentor do conhecimento o repassa aos alunos, que não questionam.

De acordo com Luchesi (2011), fica evidente a pedagogia do exame, em que preocupação é o alcance de notas. Isso posto, a aferição da aprendizagem escolar é direcionada, na quase totalidade das vezes para classificar os alunos, funcionando como uma espécie de adestramento para a aprovação. No entanto, para que o aluno aprenda de fato, é preciso que o professor invista na construção dos resultados desejados, em prol do desenvolvimento do aluno em sua forma plena.

Referente ao entendimento se a avaliação escolar mede de fato a aprendizagem. Por unanimidade, os alunos acreditam na avaliação escolar como objeto de mensuração da sua aprendizagem. Entretanto, não foram avaliadas as provas, para saber como são elaboradas. Chamou atenção a resposta de um aluno, ao confirmar que a avaliação mede seu conhecimento, no entanto, houve também um certo desabafo, pois a considera como um momento de pressão. Ao responder da seguinte maneira: “Sim, as vezes há mais pressão do que um trabalho.” Evidencia-se o que acrescenta Luchesi (2011, p. 190), quando associa o castigo, com ares de sutileza à reprodução da violência simbólica, apresentada por Bourdieu. Então, o que se observa é que a violência continua.

Diferentemente do que já existiu no passado, em que a força física era utilizada, hoje, o que

se observa é a prática pela qual o professor cria um clima de medo, tensão e ansiedade entre os alunos. Isso é mais grave ainda, pois o professor, nesse caso, não tem interesse em descobrir quem sabe o que foi ensinado, mas quem não aprendeu, para humilhar, ameaçar, punir e gerar mais ansiedade, sentimento de culpa e autopunição, afetando a personalidade do aluno. Posto que, métodos avaliativos nunca devem ter função punitiva e sim de diagnosticar possíveis interpretações errôneas dos conteúdos oferecidos, para poder retificá-los. Esse tipo de avaliação, completamente discriminatória, desconsidera o aspecto qualitativo da educação.

Quando questionados se estudam e interpretam o conteúdo ou decoram para realizar a avaliação. Pela análise das respostas, há um falso entendimento de que o aluno tem obrigação de decorar o conteúdo dado em sala e do livro didático, para conseguir nota, ser aprovado e pronto. Se sair bem na prova, então, está tudo certo. Entretanto, essa é uma visão centrada na prática pedagógica do exame. De acordo com Moretto (2002, p.15), apenas decorar o conteúdo não vai ajudar o aluno a desenvolver habilidades e competências necessárias para resolução de questões que exigem um nível mais elevado de complexidade.

A memorização e repetição não agregam criticidade ao aprendizado do aluno, e não desenvolverá suas competências como estudante. Moretto (2002) denomina o uso abusivo de memorização sem significação de “pseudosucesso”, ou seja, o aluno sai bem na prova, consegue boa nota, mas logo esquece, clássico! Um ensino e aprendizagem sem significação e contextualização, que leva à falsa ideia de aprendizado.

Partindo do questionamento, se é importante apenas aprender o conteúdo para a prova ou se deve aprender para outras finalidades da vida. Os alunos evidenciam que aprender tem um significado existencial, e não deve aprender um conteúdo somente para se fazer uma prova, mas há a consciência de aprender para levar esses conhecimentos para a vida. No entanto, é notório certa contradição nas respostas, já que responderam em outro questionamento que apenas decoram para fazer a prova e conquistar a nota que precisam para não reprovar.

Então fica a pergunta: Será que estão realmente se apropriando do conteúdo? Moretto (2002), salienta que não há mal nenhum em memorizar um conteúdo, isso até faz parte do processo educativo, o problema está na maneira como acontece a prática pedagógica. Se essa memorização ocorre de forma recorrente, sem nenhuma intervenção das práticas pedagógicas exercidas pelos professores ou sem a mínima correlação com o conhecimento de mundo desse aluno, e se esse aprendizado não acontece de forma significativa e contextualizada, o “decoreba” pode ser algo inutilizado e prejudicial ao desenvolvimento de aprendizagens necessárias, para a vida, porque não. É certo que o mundo irá cobrar decisões a todo momento deste indivíduo que talvez será subjugado se não tiver respostas suficientes, pois, certamente, trará déficits consumados no período escolar, período este, no qual deveria ter sido preparado suficientemente para ter suas capacidades totalmente desenvolvidas. Sendo, assim, impossibilitado de exercer seus direitos e deveres, ou seja, sua cidadania plena.

Análise de questionário direcionado aos professores

Neste segundo momento, procuramos apresentar a perspectiva dos professores em relação ao processo avaliativo utilizado por eles. Para tanto, seguem as análises do questionamento direcionado aos professores:

Referente ao que entendem por avaliação da aprendizagem. As respostas apresentadas configuram a confirmação da avaliação como instrumento de medição e verificação de habilidades e da aprendizagem do conteúdo aplicado em sala de aula. O que indica a centralidade do método tradicional da avaliação da aprendizagem escolar, visto que essa prática ainda está presente de maneira muito forte no sistema de ensino.

Isso posto, evidencia-se a avaliação como uma tarefa complexa que não se resume a realização de provas e atribuição de notas. A mensuração, tão logo, proporciona dados que devem ser submetidos a uma apreciação qualitativa. A avaliação, assim, cumpre funções didáticas e pedagógicas de diagnóstico, controle e ação, em relação ao rendimento e aprendizado escolar (LIBÂNEO, 1994, p. 195). Desse modo, a avaliação deve ser um instrumento permanente do trabalho docente, com propósito de diagnosticar se o aluno aprendeu ou não, podendo refletir sobre o

nível de qualidade do trabalho escolar, tanto do aluno quanto do professor, gerando mudanças significativas. Nesse sentido, segundo Luchesi (2011, p.59), “a avaliação implica a retomada do curso de ação, se ele não tiver sido satisfatório, ou a sua reorientação, caso esteja se desviando.”

Em referência aos métodos avaliativos conhecidos e utilizados na didática em sala de aula. Os professores responderam que utilizam diversos métodos avaliativos em sua didática como trabalhos, atividades em sala, pesquisa, avaliação oral e escrita, debate, seminários, mas que a avaliação ocupa lugar privilegiado, pois aparece como exigência do PPP- Projeto Político Pedagógico da escola, que estabelece 70% da nota. Moretto (2002) destaca que a prova é alvo de críticas, mas o professor acaba tendo que continuar fazendo provas, como método avaliativo tradicional, já que não lhe é ofertado outro método com maior eficiência e ou eficácia. Isso posto, vale ressaltar que o PPP, se encarrega de nortear a ação pedagógica, age como elemento orientador e articulador na materialização das práticas escolares (SILVA, 2010, p. 43).

Se encontra expresso no PPP da escola, que a avaliação deve sempre ser uma ponte para o futuro e não uma ferramenta punitiva ou como mera descrição; deve favorecer o desenvolvimento individual, estimular a capacidade do aluno de auto avaliar e permitir que o docente faça o mesmo; pode ser realizada através de provas, testes, exercícios, seminários, apresentações entre outros; a avaliação pode ser diagnóstica, formativa e somativa; e acontecerão durante todo o processo de aula, e no fim de cada bimestre serão realizadas por disciplina e corrigidas por seus professores responsáveis e ainda que o aluno será avaliado de forma contínua e será recuperado de maneira paralela a cada avaliação realizada. No entanto, isso tudo parece estar atrelado ao âmbito da teoria, distante da dimensão prática.

Buscamos saber se os professores acham que os métodos avaliativos estão, de fato, retratando a capacidade de aprendizado dos alunos, ou seja, será que as notas conseguidas nessas atividades são, realmente, a expressão do desenvolvimento do aluno? Notamos, portanto, que todos os professores responderam que “nem sempre” as atividades avaliativas refletem a verdadeira capacidade de seus alunos. Assim, infere-se conseqüentemente, que a nota não avalia a aprendizagem.

De fato, é difícil quantificar a aprendizagem. Mesmo porque, se acreditamos na avaliação como um instrumento de redefinição ou replanejamento, entende-se que nós na qualidade de professor, não podemos nos prender às notas, visto que haverá sempre alunos com necessidades totalmente diferentes. Cada caso deve ser analisado de acordo com suas especificidades e não através de uma nota, que nada reflete sobre a verdadeira aprendizagem.

Nesse sentido, a avaliação está servindo para justificar, julgar e verificar a reprodução do que foi visto em sala de aula. Sob este aspecto, a avaliação deve diagnosticar, informar e favorecer o desenvolvimento individual. Segundo Luchesi (2011), a avaliação, diferentemente da verificação de notas, envolve um ato que ultrapassa a obtenção da configuração do objeto, exigindo decisão do que fazer, ela deve direcionar a ação, visto que funcionará efetivamente se seguir esse direcionamento diagnóstico contínuo.

Neste ponto, ressalta-se a importância não só da formação inicial, mas também da formação continuada de professores, para que possam estar sempre renovando e atualizando seus conhecimentos. Questionados sobre qual método de avaliação consideram mais eficaz. Observou-se nas respostas, que os professores não apresentaram um método eficaz de avaliação, ou seja, não há uma receita exata e pronta. Evidenciaram que cada aluno ou cada turma tem sua especificidade. Um professor respondeu que segue os métodos que já são determinados pela escola, porém ele pode adaptar à realidade dos alunos. Isso integra a comunidade escolar em um aspecto positivo, no sentido de possibilidade de flexibilização do currículo, destacado por Silva (2010):

Considerando que a função sociopolítica e pedagógica da escola é contribuir para a construção das identidades pessoais e coletivas por meio de ensinagens que conduzam a uma convivência dialógica, de respeito às diferenças e de indignação às injustiças e de proposições aos desafios postos pela sociedade, o currículo precisa estar “encarnado” na sua realidade para favorecer o diálogo entre os saberes

acadêmicos, escolares e do cotidiano (SILVA, 2010, p.41, grifos do autor).

Importante frisar que, a flexibilidade no currículo pode tornar a realidade estimuladora e se ocupar de novos desafios, tendo como foco não um ensino engessado, mas contextualizado com aprendizagens inovadoras e significativas, possibilitando a análise crítica da sociedade.

Consoante aos critérios e parâmetros de avaliação. Os professores mais uma vez citaram o PPP da escola como parâmetro, que atribui 70% na nota para a prova escrita. Um deles citou que a avaliação é contínua, formativa e somativa. Certamente, essa ideia formaliza o diagnóstico de Luchesi (2011), que por sua vez retrata que esses elementos se complementam para o alcance do sucesso do sistema avaliativo da aprendizagem educacional. Não foi citado o conhecimento prévio dos alunos, participação, ou se estabelecem objetivos a serem alcançados de forma clara para todos os envolvidos, ou algo do tipo, fatores estes, tão importantes e necessários para construção do conhecimento. Moretto (2002, p.119), destaca que “a parametrização é a indicação clara e precisa dos critérios de correção”. O que infere-se pelas respostas apresentadas, incorre a mais um indicativo tradicionalista.

Isso ficou ainda mais evidente, pois todos os professores responderam que utilizam o sistema de provas/teste, já que esta é uma determinação expressa pela escola. Um professor enfatizou que, infelizmente os valores dos alunos como: trabalho em equipe, respeito, disciplina, capacidade de socialização não são avaliados. Isso evidencia que o professor tem autonomia, mas não é autônomo, como defendem Menga e Ludke (2009). Para estas pesquisadoras, o potencial educativo da avaliação deve ocupar lugar de destaque. A atividade de avaliar o quanto os estudantes aprenderam é algo inerente ao fazer docente, e culturalmente constituído pelos estudantes e suas famílias. Consideram ainda, que medidas são necessárias, porém insuficientes para completar o ciclo virtuoso da avaliação.

Na visão de Moretto (2002, p.15), “o esforço de quem ensina é fazer com que com que as crianças desenvolvam capacidade de atribuir significado ao que estão fazendo.” Assim, o próprio autor expressa que aprender significativamente não está relacionado a somente a aprender conteúdos, mas também relacionar esse conhecimento a fatos do dia a dia, vividos pelos sujeitos da aprendizagem. Para tanto, estabelecer relações entre vários elementos simbólicos que evocam a representatividade de suas vivências.

Referente ao tipo de testes/provas utilizados. Todos os professores responderam que utilizam questões objetivas e subjetivas nos testes/provas elaborados. Isso é ponto positivo no sentido de dar oportunidades para os alunos se expressarem, pois, perguntas somente objetivas limitam os conhecimentos dos alunos que se tornam meros repetidores de conteúdo. De acordo com Moretto (2002, p.95), a prova não deve ser apenas um momento de “toma-lá-dá-cá”, em que o aluno é direcionado a reproduzir exatamente o que recebeu, segundo o que postula a educação bancária de Paulo Freire, o aluno visto como mero acumulador de informação. Ela deve ser parte integrante do ensino e aprendizagem. Deve ser “um momento privilegiado de estudos e não um acerto de contas.” (MORETTO, 2002 p. 96).

Em relação a abordagem da avaliação. Alguns professores responderam que abordam o conteúdo trabalhado em sala somente e outros inserem o conhecimento de mundo também. Um professor foi enfático em responder que só insere o conteúdo. Moretto (2002) questiona o método utilizado por professores na hora de elaborar uma prova. Infelizmente, alguns professores se mantêm fossilizados nos métodos tradicionais (repetidores). Por sua vez, a formação de alunos críticos e reflexivos, exige adaptações, bem como novas metodologias pedagógicas, exige um distanciamento do método positivista adotado por alguns professores, que acreditam serem os donos da verdade, no sentido de que as respostas estão prontas, e não há um estabelecimento de diálogo com o aluno.

É interessante possibilitar aos alunos o seu posicionamento em relação ao conteúdo, ou seja, é fundamental que ele elabore suas próprias respostas, baseadas em temas do cotidiano, fazendo assim, uma ponte existencial sobre o que vivencia no mundo com o que é praticado na escola. Luchesi (2011), postula que a mecanismos de assimilação receptiva de desenvolvimento de habilidades, hábitos, convicções e de conhecimentos, não se configuram no vazio, carecem

de conteúdos, e também são tingidas por metodologias e visões de mundo. O método dialético apresenta oportunidades de expressão de pontos de vista, numa relação, em que o professor se posiciona, mas o aluno também e os dois chegam a um ponto comum de concordância, sintetizado, formando um pensamento construído a partir de discussões sadias.

No que se refere ao que o aluno precisa fazer para ter uma boa média escolar. Os professores responderam que “os alunos precisam estudar mais, pois não querem saber de estudar”. “Que precisam ter conhecimento do conteúdo e participação”. A questão maior que se coloca não diz respeito somente à média escolar, mas o que está em jogo são as atitudes e o comprometimento dos professores e alunos. É importante entender o quanto a escola está sendo atraente ou não, para esse aluno, “que não quer saber de estudar”, e se ela respeita as diversidades sociais e culturais daqueles que ali estão. De acordo com Hoffman (1991), o meio pode acelerar ou retardar o processo de aprendizagem, nesse contraponto a avaliação mediadora entra como um processo de desenvolvimento e evolução de relações complexas e abstratas, materializadas nas situações vividas entre professores e alunos.

Nesse sentido, muito mais do que a preocupação com o fim, a avaliação mediadora é um processo contínuo e processual, em que considera que acompanhar o aluno em suas dificuldades, é oferecer condições para que este desenvolva conhecimentos e tenha capacidade de sozinho trilhar seus caminhos. Se preocupa com o meio, pois ela possibilita investigar, construir hipóteses e provocar nos alunos uma aprendizagem significativa. Uma vez que o ensino deve ser ativo, para propiciar o desenvolvimento de habilidades e competências pela coparticipação, que servirá para sua vida fora do contexto escolar. Para tanto, é preciso que se tenha professores com sensibilidade e comprometimento com o desenvolvimento do educando de forma integral, sistematizada e não somente fragmentada.

Algumas considerações finais

A partir dos dados gerados, ficou evidente que avaliação da aprendizagem ainda continua sendo um gargalo para o sistema educacional. Professores e alunos ainda não têm uma visão bem definida do real objetivo da avaliação da aprendizagem e precisam de um direcionamento constante das formas de ensinar e aprender. Haja vista, que tudo se entrelaça em uma tessitura de proposições, que devem ser alinhadas a um norteador com o propósito da melhoria da qualidade do ensino como um todo.

Nesse sentido, o estudo trouxe uma visão mais abrangente de como devemos agir e utilizar a avaliação de forma coerente e adequada, de modo a garantir um melhor rendimento escolar tanto para o aluno, quanto para nós enquanto professores. Constata-se que apesar da metodologia tradicional de avaliação ainda persistir e haver resistência dos próprios alunos e professores, por mudança, novas metodologias ativas pautadas em uma maior interação e aproximação, professor/aluno, estão sendo inseridas aos poucos no contexto escolar.

No entanto, é necessário pensar na avaliação como instrumento didático-pedagógico voltado para a apreciação e interpretação dos resultados obtidos, com o intuito de ser uma ferramenta de orientação e ação da gestão dentro de um processo participativo e coletivo, e não, ser somente responsabilidade de professores e alunos.

Além disso, é importante ressaltar que classificar não deve ser o foco e nem objetivo final, mas avaliar com base no que foi ensinado de forma contextualizada. Se o aluno não aprendeu é necessário retomar e intervir para descobrir quais elementos impediram seu êxito.

Portanto, é importante a relação conjunta do olhar sensível e atento, tanto da gestão escolar quanto dos familiares e do professor mediador, para o diagnóstico adequado, com o objetivo de entender quais são as dificuldades, num processo dialético e dialógico. Deve-se retomar, reavaliar, reformular. Uma vez que, o sentido da avaliação da aprendizagem não está em permanecer em si mesma e nem em revisitar o fracasso, mas, em permear dentro do processo a tomada de decisão e sua conseqüente ressignificação.

Referências

- ANTUNES, Celso. **Avaliação da aprendizagem escolar**: fascículo 11. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: [https:// basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio](https://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio). Acesso em: 09 dez. 2019.
- HOFFMANN, Jussara M.L. **Avaliação**: mito e desafio - uma perspectiva construtivista. Educação e Realidade, Porto Alegre, 1991.
- LUCHESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- KUENZER, A. Z. Trabalho e escola: a aprendizagem flexibilizada. **Anais**. REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL DA ANPED – XI ANPED SUL. Curitiba/PR, 2016. p.1-22. Disponível em: <http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/Eixo-21-Educacao-e-Trabalho.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- MORETTO, P. V. **Prova**: Um momento privilegiado de estudo - não um acerto de contas. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- PALMAS. **PPP- Projeto Político Pedagógico**. Escola Municipal Antônio Carlos Jobim, 2019.
- SILVA, F. da S. **Avaliação na perspectiva formativa-reguladora**: pressupostos teóricos e práticos. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.
- SORDI, M. R. L. de; LUDKE, M. Da avaliação da aprendizagem à avaliação institucional: aprendizagens necessárias. **Avaliação**, Campinas, Sorocaba, S.P. v.14, n.2, p. 313-336, jul. 2009.

Recebido em 4 de fevereiro de 2022.
Aceito em 28 de novembro de 2022.